

## DESCONSTRUINDO A ESTIGMATIZAÇÃO DA ORALIDADE VERSUS O PRIVILÉGIO DA ESCRITA: UM ESTUDO A PARTIR DAS MARCAS ORAIS EM MANCHETES DE UM JORNAL IMPRESSO RECIFENSE

Alexandre Antonio de Amorim Filho<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho disserta sobre a presença de marcas de oralidade nas manchetes do jornal recifense *Aqui Pe* e, conseqüentemente, como esses traços orais mais informais e coloquiais podem contribuir indevidamente para a estigmatização social desse jornal em contraponto a uma linguagem mais formal e socialmente privilegiada, comumente mais utilizada pela mídia tradicional jornalística. Nosso *corpus* expandido é composto por 10 (dez) edições do *Aqui Pe*, publicadas entre o quadrimestre de Setembro até Dezembro de 2018, porém como *corpus* restrito analisamos apenas 3 (três) edições do jornal, observando as relações entre a resignificação da oralidade para o meio impresso, com destaque para a seleção lexical, a diversidade sociocultural e a questão vocabular nas manchetes jornalísticas desse jornal popular. A partir de Marcuschi (2004) destacamos a necessidade de uma prática pedagógica que valorize o estreitamento dos laços entre a oralidade e a escrita, observando o contexto e as aplicações de uso, sem discriminar usuários ou atribuir juízo de valor.

**Palavras-chave:** Aqui Pe, Escrita, Oralidade, Jornal Recifense.

### INTRODUÇÃO

Nesse trabalho, as marcas da oralidade são observadas a partir da forma como a mídia impressa recifense, mais especificamente o Jornal *Aqui Pe*, de livre circulação na região metropolitana do Recife (PE), faz uso desses traços como forma de chamar atenção e, conseqüentemente, se diferenciar dos demais jornais. O jornal impresso *Aqui Pe* é um dos principais periódicos tanto em circulação quanto em popularidade no Estado de Pernambuco. Um exemplo disso é que, de acordo com a pesquisa realizada pela Associação Nacional de Jornais (ANJ), em 2014, o *Aqui Pe* ocupa a 28ª posição dentre os cinquenta jornais impressos mais vendidos em todo o Brasil<sup>2</sup>. Já em Pernambuco, o jornal recifense só fica atrás, em número de vendas, do Jornal do Commercio, o mais antigo em circulação na América Latina.

Atingindo principalmente as classes sociais C, D e E, ao preço de R\$0,50 (cinquenta centavos), o *Aqui Pe* se destaca pela abordagem mais interativa e cômica que atribui às

<sup>1</sup> Graduando do Curso Letras – Português (Licenciatura) da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, [pqalexandre@hotmail.com](mailto:pqalexandre@hotmail.com);

<sup>2</sup> “Os 50 jornais impressos mais vendidos em todo o Brasil”. Disponível em: <<http://gentedemidia.blogspot.com/2016/01/jornais-os-50-impressos-mais-vendidos.html>>. Acessado em 05 de dezembro de 2018.

manchetes do dia. Dentre as possíveis causas responsáveis pela sua diferenciação editorial, quando comparado com outros jornais do estado – Diário de Pernambuco, Folha de Pernambuco e Jornal do Commercio -, encontram-se o caráter dialógico e as marcas de oralidade nas manchetes e nos textos de apoio, como o uso de gírias, de palavras com duplo sentido (trocadilhos) e do uso de humor na construção das suas manchetes. O jornal faz uso de jargões que são do conhecimento e do convívio social dos recifenses, incorporando em suas matérias a linguagem ‘das ruas’ na criação das suas manchetes. Embora esse recurso seja importante por assumir uma identidade regional, ele também reflete sobre os privilégios socialmente construídos da escrita com relação à diminuição do *status* da fala.

Defendemos, portanto, que o uso dessas expressões ajuda a entender as razões para que esse jornal seja considerado por uma parcela da sociedade como algo marginalizado. No entendimento que, se a oralidade é considerada como uma esfera ‘menor’ que a escrita, logo o *aqui pe* é considerado como um jornal de classe inferior quando, na verdade, essas marcas aproximam o jornal dos seus leitores. Porém, entendemos que, ao destoar da linguagem formal e culta – características da manchete -, o Jornal *Aqui Pe*) subverte o gênero em questão e reformula as possibilidades de interação da mídia impressa. Se por um lado essa prática encontra em consonância com a oralidade em textos escritos, por outro, cria para o jornal uma identidade contrária à dos gêneros escritos, logo, acaba sendo tido como um jornal ‘menor’ quando comparado com outros jornais.

Por isso, observaremos, também, marcas dialogais nos textos escritos, já que as manchetes apresentam expressões que reforçam a relação entre o autor (nesse caso, os editores e jornalistas do *Aqui Pe*) e o leitor da publicação. Nesses casos, vemos uma forte tentativa de atrair os leitores através de artifícios retóricos como perguntas, uso de estrangeirismos e uso de *memes* que, quando usados como manchetes, reforçam o aspecto dialógico do texto.

## **METODOLOGIA**

Esta seção contempla os procedimentos metodológicos utilizados para a análise do *corpus* da pesquisa, composto por 10 edições do jornal *Aqui Pe*, publicados entre setembro e dezembro 2018 (*Quadro 1*).

DATA DA PUBLICAÇÃO	MANCHETES
17 de Setembro	“O Sport perdeu: É verdade esse ‘bilhete’ - Já pode enterrar?”.
17 de Outubro	“Ô pela “véia” sem futuro ”.
19 de Outubro	“Tem atacante nessa bexiga não, é?”.
22 de Outubro	“Morre não, meu amigo...”.
30 de Outubro	“O que esperar do governo de Jair Bolsonaro, hein?”.
05 de Novembro	“Aí, meu ovo!”.
08 de Novembro	“Já fez a feirinha no Mercadinho Tricolor?”
09 de Novembro	“O buruçu está com os dias contatos”.
23 de Novembro	“Cuidado com a “Black Fraude”.
03 de Dezembro	“Ei, o popóti ganhou, foi?”.

**Quadro 1:** Esquematização das manchetes selecionadas.

Posteriormente, reduziu-se o *corpus* para 3 (três) edições - 17 de Setembro, 7 de Novembro e 23 de Novembro de 2018 - com o objetivo de fazer uma análise mais detalhada e menos quantitativa, avaliando as marcas orais, as marcas conversacionais e a relação autor-leitor. Vale ressaltar que todas elas foram retiradas integralmente do acervo *online* do próprio jornal<sup>3</sup>.

## DESENVOLVIMENTO

No dia a dia podemos encontrar uma constante dicotomia entre a oralidade e a escrita, dicotomia essa responsável por separá-las e categorizá-las através de características que culturalmente foram especificando a função de cada uma dentro das atividades comunicativas almejadas. Porém, a partir de Marcuschi (2004a), o que se pode notar é que nem sempre essa prática social e a modalidade de uso, respectivamente, vão ser concebidas como de mesma importância tanto pelos usuários como pelas instituições sociais vide, por exemplo, a escola.

<sup>3</sup> Para ver as publicações na íntegra, basta visitar o site: <<https://aquipe.presslab.com.br/>> . Acessado em 08 de dezembro de 2018.

Para Faraco (2015; 2017), não se deve focar o ensino da Língua Portuguesa (LP) como a diferenciação entre o que é historicamente tido como ‘certo’ e o ‘errado’, norma padrão ou não-padrão, formal ou informal. Pois, ao simplificar as relações entre opostos, naturalmente cria-se uma hierarquização entre a fala e a escrita, geralmente sendo a última a mais prestigiada no seio social. Por vezes, o docente se programa para executar a sua aula, de acordo com os parâmetros e os conteúdos exigidos pela escola, mas esquece de levar em consideração as percepções dos alunos e as dificuldades que eles possam vir a ter para ‘acessar’ e interpretar gêneros que requeiram um letramento diferenciado. A problematização que se pode fazer é o quanto as diferenças podem acentuar estigmas de uso da língua e até dos falantes, já que historicamente a escrita foi sendo interpretada. Porém, enxergamos nesse processo um claro desequilíbrio de validação das identidades privilegiada (OLIVEIRA, 2012).

O que vemos no cenário brasileiro é a prevalência da escrita sobre a fala. Isso fica evidenciado não apenas no uso da escrita em inúmeras situações sociais como um elemento formalizador e até como prova de veracidade, tanto que,

Enquanto a fala pode facilmente levar à estigmatização do indivíduo, com a escrita isso acontece bem menos. Parece que a fala, por testar a variação e em geral pautar-se por algum desvio da norma, tem caráter identificador. É possível que identidade seja um tipo de desvio da norma-padrão (MARCUSCHI, 2004a, p. 36).

Até a década de 1980, a oralidade e a escrita eram vistas como atividades opostas. Apenas posteriormente que essa perspectiva dualista foi perdendo espaço para dar lugar a uma concepção de interação e complementude entre elas, como é caso da perspectiva sociointeracionista, defendida por Marcuschi (2004a). Para o autor, mais do que confrontar as supremacias e/ou especificidades da oralidade e da escrita, observando o contexto e as aplicações de uso, porém sem discriminar usuários ou atribuir juízo de valor.

As atividades vão depender dos contextos de produção e do público-alvo. Logo, se os maiores consumidores do jornal recifense são os de classe mais baixa, fica evidenciado que a oralidade ainda é vista como algo de menor prestígio. A fala e a escrita ao mesmo tempo em que se diferenciam pelas suas especificidades de (re)produção, também podem ser observadas a partir de uma perspectiva de complementude e de diálogo entre elas. Por isso que, embora diferentes, elas possuem pontos de contato que possibilitam ‘processos de retextualização’, como propõe Marcuschi (2004b):

Em hipótese alguma se trata de propor a passagem de um texto supostamente “descontrolado e caótico” (o texto falado) para outro “controlado e bem-formado” (o texto escrito). Fique claro, desde já, que *o texto oral está em ordem* na sua formulação e no geral não apresenta problemas para a compreensão. Sua passagem para a escrita vai receber interferências mais ou menos acentuadas a depender do que se tem em vista, mas não pode ser a fala suficientemente organizada. Portanto, *a passagem da fala para a escrita não é a passagem do caos para a ordem: é a passagem de uma ordem para outra ordem* (MARCUSCHI, 2004b, p. 47, GRIFOS DO AUTOR).

Embora cada gênero tenha a sua característica, não significa que eles sejam estanques, muito pelo contrário, como Marcuschi (2008, p. 156) os interpreta como “entidades dinâmicas”. Ou seja, como prática social, os gêneros são maleáveis de acordo com a necessidade do interlocutor. O que queremos mostrar com isso é a variedade pela qual um gênero pode incorporar na sua estrutura, por isso, devemos levar em consideração o contexto de produção, a situação específica, os elementos que também podem ser observados a partir do gênero escolhido.

Por isso que, dissertar sobre gêneros textuais é se ater ao fato de que eles encontram-se num campo bastante amplo de correntes que tratam sobre esses aspectos. Para Marcuschi (2008), na vida diária são produzidos e reproduzidos gêneros textuais de acordo com as necessidades comunicativas, assim como os contextos sociais e históricos pelos quais as formas textuais, sejam elas escritas ou orais, manifestam-se. Dessa forma, o autor concebe o gênero como “uma maneira socialmente retificada de usar a língua com um tipo particular de atividade social” (MARCUSCHI, 2008, p. 153).

Para Barzeman (2011) os gêneros são “os lugares onde o sentido é construído. [...] para onde nos dirigimos para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros e são os modelos que utilizamos para explorar o não familiar” (p. 23). Dessa forma, o autor destaca a importância dos gêneros enquanto espaços de representação e de interações sociais, mais também a possibilidade de acessar outros sentidos que até então não faziam parte do conhecimento do(s) indivíduo(s).

A displicência pode provocar no(a) aluno(a) uma aversão e até mesmo o desinteresse em se debruçar sobre determinado gênero, muitas vezes provocada pela falta de conhecimento ou até do despreparo do professor em apresentar um conteúdo que esteja em consonância com a realidade do alunado. Dessa forma, Bazerman (2011) mostra que nem todo letramento é igual e que, por isso, não devem ser levados para a sala de aula de qualquer forma, exigindo do professor um olhar atento para questões que são fundamentais para despertar o interesse do seu público.



De tal forma que, cada gênero está inserido em um contexto previamente construído, ou melhor, fazem parte de “espaços definidos sócio-historicamente, nos quais devemos falar de modo reconhecível e apropriado” (BAZERMAN, 2011, p. 28). Ao dizer que eles apresentam habitats, o autor (op.cit) destaca a construção de um senso comum responsável por moldar o modo como usamos e até aplicamos determinado gênero em situações específicas de uso, destacando, assim, a sua função e propósito dentro das convenções comunicativas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao trazer uma mídia popular para o centro da discussão, estamos levando em consideração a importância de apresentar os mais variados tipos de textos e variantes da língua, deixando, assim, de hierarquizar uma gama de formatos, gêneros e variedades linguísticas, para dar lugar a uma reflexão a cerca dos usos, independentemente do nível de formalidade ou polidez, como veremos nas três manchetes selecionadas.



Imagem 1: Edição publicada em 17 de setembro de 2018.

Na primeira edição analisada (*Imagem 1*), a escolha por uma pergunta (“Já pode enterrar?”) para estampar a capa do jornal é carregada de ironia e de humor, marcas constantemente presentes nesse periódico, principalmente quando trata-se de assuntos do mundo esportivo e com notícias sobre os times de futebol pernambucanos. Outra questão é o ganho de proximidade da manchete para com o leitor do periódico, já que ao questionar se o time do Sport Clube do Recife já pode ser dado com ‘morto’ dentro da Série A, do Campeonato Brasileiro de Futebol, o jornal desperta a curiosidade sobre o conteúdo da reportagem. Outra escolha que é pertinente por parte do Jornal *Aqui Pe*, deve-se à ressignificação do termo em inglês ‘*Black Friday*’ (tradução para ‘Sexta-feira negra’), na manchete publicada no dia 23 de Outubro de 2018 (*Imagem 2*).

Através do jogo de palavras, trocando ‘Friday’ por ‘fraude’ o texto reflete sobre os cuidados que deve ter quando for comprar nessa data conhecida pelas promoções de final de ano. Por isso a importância de se conhecer o contexto para a compreensão da chamada já que, como propõe Lucena (2011), “essa busca pela simplificação é comum na língua oral popular. A presença dessas marcas no texto do jornal mostra a ligação do discurso escrito com a oralidade” (p. 58).



**Imagem 2:** Edição publicada em 23 de Novembro de 2018

As marcas de conversação como em “pega essa promoção!” tornam-se outro destaque da manchete, já que reinterpretar o sentido principal (o de aproveitar as promoções) e utiliza-o novamente para se referir ao contexto do futebol – “Leão entra na black Friday e é liquidado”.



Imagem 3: Edição publicada em 07 de novembro de 2018

Na terceira imagem, é possível observar que a manchete principal “*Deu ‘match’ com a polícia – Loba do Tinder presa por passar a perna em macho besta*” contempla em seu texto duas características já presentes nas outras duas edições analisadas: o uso de estrangeirismos e do regionalismo nordestino.

Essa combinação demonstra uma apropriação da oralidade e, comitadamente, uma ressignificação das marcas orais independentemente das manifestações texto-discursivas. O autor do texto usa, portanto, da coloquialidade na construção da manchete, seja pela forma de se referir à criminosa como ‘loba’ e a vítima como ‘macho besta’, mas também como pela expressão ‘passar a perna’.

Dessa forma, fazendo uso de elementos atuais e do dia a dia da população, a manchete torna-se mais instigante para as classes sociais pouco escolarizadas. De tal forma que, como



diz Koch (2014, p. 211), o leitor “espera sempre um texto dotado de sentido e procura, a partir da informação contextualmente dada, construir uma representação coerente, por meio da ativação do seu conhecimento de mundo”. Ou seja, cabe ao jornal buscar artifícios que ofereçam aos seus consumidores habituais uma experiência de leitura que seja de fácil identificação e, é claro, de possível codificação da mensagem pretendida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É perceptível notar que o perfil do jornal realmente se diferencia daqueles tidos mais com mídia tradicionais. O domínio de um gênero não significa que ele não pode passar por mudanças, tanto que defendemos a presença de marcas da oralidade dentro do *Aqui Pe* não deve ser motivo para considerá-lo como de menor importância, pois, caracterizá-lo dessa maneira é dar continuidade às prerrogativas que tendem a privilegiar a distinção entre a fala e a escrita. Se as diferenças entre elas estão permeadas dentro de um *continuum* tipológico e não numa relação de opostos, logo é totalmente possível a incorporação de uma sobre outra, o que enriquece as possibilidades de novas marcas dentro de um determinado gênero (MARCUSCHI, 2004a).

As manchetes analisadas são algumas provas de como a relação entre a oralidade e a escrita podem conviver no mesmo espaço, através da ressignificação das propostas comunicativas e dos gêneros textuais a partir dos interesses daqueles para quem se destina o(s) texto(s). Por tanto, qual a razão para não admitir que o jornal *Aqui Pe* cumpre a promessa de ser o “jornal que fala a língua do povo” e ver isso sem preconceito e/ou discriminação editorial?

A nosso ver, as aulas de Língua Portuguesa não devem ser configuradas como espaços meramente reprodutores de uma perspectiva gramatical e normativa, mas como um ambiente de aprendizado que possibilita o conflito e o debate de ideias a partir das diferentes linguagens sociais. Ao dar subsídios para que os alunos compreendam as estruturas e marcas linguísticas presentes nos mais diversos gêneros, os professores possibilitam que os estudantes observem formas de reprodução de sentidos, além de capacitá-los a pensarem criticamente sobre as relações desiguais de poder que os textos elucidam ou possam reforçar.

A possibilidade de trazer para a sala de aula essa abordagem da oralidade em outros contextos que fujam do senso comum (seminário, debate, júri simulado), amplia a possibilidade de observar variações linguísticas e regionais, que fazem parte da identidade cultura dos alunos, em outras situações comunicativas. Além, é claro, de mostrar e se opor as

relações de poder que reforçam a visão monolítica da língua calcada na norma-padrão, “tendo em vista suas íntimas, complexas e comprovadas relações com as estruturas sociais” (MARCUSCHI, 2002, p. 43).

Por fim, constatamos que o *Aqui Pe* adequa-se ao público-alvo desse periódico, informando os leitores sobre os acontecimentos do mundo e principalmente do Estado de Pernambuco, através do uso de termos que aproximam esse jornal da realidade sociocultural, o que é importante para firmar o interesse e o gosto pela leitura. A possibilidade de se refletir sobre a língua e desmistificar que a oralidade pode sim estar presente em gêneros mais formais foram pontos que se tornaram extremamente importantes para a conceituação da temática tratada. Principalmente por entender que combater toda e qualquer forma de tradição que coloque a norma culta no pedestal é, também, um processo agentivo em prol de um espaço cada vez menos dicotômico e sim mais plural.

## REFERÊNCIAS

BAZERMAN, C. **Escrita, gênero e interação social**. São Paulo: Cortez, 2011.

FARACO, Carlos Alberto. Norma culta brasileira: construção e ensino. In: ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto (Orgs.). **Pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 19-30.

\_\_\_\_\_, Carlos Alberto. **Para conhecer norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

KOCH, Ingedore Villaça. **As tramas do texto**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2014.

LUCENA, Felipe Casado. **Falando a língua da gente: a simulação de oralidade como estratégia do jornal Aqui PE**. Dissertação (Mestrado). Recife: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2014b, p. 45-125.

\_\_\_\_\_, Luiz Antônio. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. In: DIONISIO, Angela; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **O livro didático de português: múltiplos olhares**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002, p. 21-34.

\_\_\_\_\_, Luiz Antônio. Oralidade e letramento. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2014a, p. 15-43.

\_\_\_\_\_, Luiz Antônio. **Produção Textual Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes. Política para o ensino da língua: desafios da contemporaneidade. In: MILREU, Isis; RODRIGUES, Márcia Candeia. (Orgs.). **Ensino da língua e literatura**: políticas, práticas e projetos. Campina Grande: Bagagem/UFCG, 2012, p. 17-34.